



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE PORTO NACIONAL
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

LUCIANA LOPES PEREIRA

**FESTEJO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA
MALHADINHA EM BREJINHO DE NAZARÉ, TOCANTINS**

Porto Nacional, TO

2022

Luciana Lopes Pereira

Festejo do Divino Espírito Santo na Comunidade Quilombola Malhadinha, em Brejinho de Nazaré, Tocantins

Trabalho de Conclusão de Curso de Geografia, habilitação Licenciatura, na Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Porto Nacional para obtenção do título de Licenciada.

Orientador: Prof. Dr. Valdir Aquino Zitzke

Porto Nacional, TO

2022



Fundação Universidade do Tocantins
Campus Universitário de Porto Nacional
Curso de Geografia

TERMO DE APROVAÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "FESTEJO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA MALHADINHA EM BREJINHO DE NAZARÉ, TOCANTINS" de autoria da acadêmica Luciana Lopes Pereira foi **aprovado**, como requisito para conclusão do Curso de Geografia habilitação Licenciatura, pela banca examinadora constituída pelos examinadores:

Prof. Dr. Valdir Aquino Zitzke

Professor orientador

Universidade Federal do Tocantins

Profa. Dra. Mariléia Oliveira Bispo

Universidade Federal do Tocantins

Profa. Dra. Vera Lúcia Aires Gomes da Silva

Universidade Federal do Tocantins

Porto Nacional, 10 de outubro de 2022.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

P436f Pereira, Luciana Lopes.

Festejo do Divino Espírito Santo na Comunidade Quilombola Malhadinha, em Brejinho de Nazaré, Tocantins. / Luciana Lopes Pereira. – Porto Nacional, TO, 2022.

27 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Geografia, 2022.

Orientador: Valdir Aquino Zitzke

1. Divino Espírito Santo. 2. Geografia da Religião. 3. Festas Católicas. 4. Comunidade Malhadinha. I. Título

CDD 910

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

*Dedico esta conquista aos meus pais e irmãos
pela paciência, vocês foram fundamentais
nesta caminhada.*

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus que me deu paz e energia para que este trabalho fosse concluído. Sem Ele nada seria possível.

Aos familiares queridos pelo apoio, compreensão e carinho.

Aos meus professores pelo incentivo e aprendizado durante o curso. Especialmente agradeço ao professor Dr. Valdir Aquino Zitzke, pela sua orientação.

Aos meus colegas de turma, Pablo Amaury, Eliane Muniz, Gustavo Pereira e Patrícia Amorim, que participaram de tantos momentos importantes.

Aos membros da banca, profa. Vera Lúcia e profa. Marciléia, pelas contribuições que certamente enriqueceram esta versão final.

Agradeço ao meu esposo Raimundo Nonato Batista Figueredo e aos meus filhos Rayssa Lopes Pereira Figueredo e Davi César Lopes Pereira Figueiredo por compreenderem as várias horas que estivemos ausentes por causa do desenvolvimento deste trabalho.

RESUMO

O tema desta pesquisa foi escolhido devido à sua relevância cultural e religiosa no contexto de uma comunidade quilombola no estado do Tocantins e teve como objetivo apresentar a Festa do Divino Espírito Santo na perspectiva da geografia da religião, enquanto uma manifestação ritualística e simbólica no espaço sagrado da comunidade Malhadinha. O objetivo desta pesquisa é analisar o Festejo do Divino Espírito Santo na comunidade quilombola Malhadinha, na zona rural do município de Brejinho de Nazaré-TO, e se justifica pela importância de se entender este tipo de manifestação religiosa e cultural no contexto de uma comunidade quilombola pelo viés da geografia da religião. Optamos por uma revisão bibliográfica como método de pesquisa – além da busca de informações com os moradores – considerando que muitos trabalhos acerca do tema foram desenvolvidos no Brasil e também em nível regional, como Goiás, e a realização de um trabalho de campo para observação direta e realização de fotos do evento. Expõe-se que as famílias quilombolas cultivam diversas celebrações religiosas que simbolizam, espiritualmente, a vivência do trabalho, da religiosidade, entretenimento e da vida cotidiana que mantém fortes traços de africanidade e este é um aspecto que nos atraiu nessa manifestação religiosa, pois não se perderam no tempo, mas adquiriam novos significados locais.

Palavras-chave: Divino Espírito Santo, Geografia da Religião. Festas Católicas.

ABSTRACT

The theme of this research was chosen due to its cultural and religious relevance in the context of a quilombola community in the state of Tocantins and aimed to present the festa do divino espírito santo from the perspective of the geography of religion, as a ritualistic and symbolic manifestation in the sacred space of the Malhadinha community. The objective of this research is to analyze the festejo do divino espírito santo in the quilombola community Malhadinha, located in the municipality of Brejinho de Nazaré-TO, and is justified by the importance of understanding this type of religious and cultural manifestation in the context of a quilombola community through the bias of the geography of religion. We opted for a bibliographic review as a research method – in addition to seeking information from residents –, considering that many works on the subject were developed in Brazil and also at a regional level, such as Goiás, and carrying out fieldwork for direct observation and taking photos of the event. It is exposed that the quilombola families cultivate several religious celebrations that symbolize, spiritually, the experience of work, religiosity, entertainment and daily life that maintains strong traces of africanity and this is an aspect that attracted us to this religious manifestation, as they were not lost in the time, but acquired new local meanings.

Key-words: Divine Holy Spirit, Geography of Religion. Catholic Feasts.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 SOBRE A GEOGRAFIA DA RELIGIÃO.....	10
3 COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO ESTADO DO TOCANTINS.....	13
4 A COMUNIDADE QUILOMBOLA MALHADINHA.....	15
5 FESTEJO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO.....	17
6 O FESTEJO DO DIVINO NA COMUNIDADE MALHADINHA	19
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

A Festa do Divino Espírito Santo tem origem em Portugal, no século XIV, durante a guerra entre Espanha e Portugal. Na época, a Rainha Isabel fez uma promessa de que se a paz fosse alcançada ela daria a coroa ao Divino Espírito Santo e alimento aos pobres. Pouco tempo depois ocorreu a paz e ela cumpriu a promessa e creditou tudo ao Divino e, desde então, este ato simbólico se transformou numa das festas mais populares do catolicismo em Portugal e nos países colonizados, que é o caso do Brasil (SILVA, 2007).

Acredita-se que os missionários jesuítas, juntamente com os primeiros colonos teriam trazido o costume de Portugal. Minas Gerais e Goiás, áreas de mineração do ouro, seriam os primeiros a incorporar a festa (SILVA, 2007).

A origem da festa do Divino Espírito Santo no então norte de Goiás foi, em primeiro lugar, através da mineração e garimpo de ouro, através dos religiosos que para cá vieram trazendo consigo estes festejos disseminando-o pela população local que, catequizada, absorvia e manifestava a folia como aspecto cultural e tradicional, permanecendo até os dias de hoje.

Para essa pesquisa, foram selecionados textos científicos, como artigos, livros, teses e dissertações, que caracterizam a pesquisa bibliográfica, e um trabalho de campo na Comunidade Quilombola Malhadinha, na zona rural do município de Brejinho de Nazaré-TO, local da pesquisa, para registro fotográfico e acompanhamento das etapas da festa, com a técnica da observação direta.

A partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, a discussão referente aos quilombolas se intensificou, incluindo os aspectos referentes à demarcação e reconhecimento territorial, ancestralidades, identidades visuais, características e cultura, pautando-se na produção científica contemporânea (NETO, 2020). De acordo com dados do Governo do Estado do Tocantins (2021), o estado possui um total de 25 comunidades quilombolas certificadas na Fundação Cultural Palmares e, dentre elas, a comunidade Malhadinha, localizada no município de Brejinho de Nazaré, distante apenas 14 km de Porto Nacional.

O objetivo desta pesquisa é analisar o Festejo do Divino Espírito Santo na comunidade quilombola Malhadinha e se justifica pela importância de se entender este tipo de manifestação religiosa e cultural no contexto de uma comunidade quilombola pelo viés da geografia da religião.

2 SOBRE A GEOGRAFIA DA RELIGIÃO

No Boletim Gaúcho de Geografia (1995) Zeny Rosendahl, se faz uma breve explicação do pensamento religioso na Geografia, classificando-os em três momentos, visando à compreensão sobre a relativa negligência da Geografia face à temática da religião: o primeiro abrange a Geografia pré-científica e vai até o início do século vinte; o segundo período tem início após a Primeira Guerra Mundial e persiste até o final da década de sessenta e o terceiro período, por sua vez, tem início nos anos setenta, estendendo-se até os dias atuais.

O primeiro período tem suas origens na Antiguidade Clássica. Os geógrafos têm voltado às raízes da Grécia Antiga para ilustrar que a relação entre religião e Geografia não foi inventada recentemente e que ambas, de fato, tivera uma relação especial desde a antiguidade (KONG, 1990).

Nos séculos XVI e XVII, consoante à expansão europeia, a Geografia religiosa estava focalizada no mapeamento do avanço espacial do cristianismo no mundo, num trabalho impulsionado primordialmente pelo desejo de disseminar a fé cristã. Os geógrafos "adotaram uma abordagem ambiental determinista em estudos realizados sobre a natureza essencial de diferentes religiões e seus ambientes geográficos". Após a Primeira Guerra Mundial, por volta de 1920, o desenvolvimento do pensamento religioso é influenciado pelas ideias de Max Weber, que caracterizava bem esse segundo período dos estudos de religião na Geografia, por representar a posição crítica à doutrina anterior, focalizando a influência da religião sobre as estruturas sociais e econômicas (ROSENDAHL, 1995).

No início dos anos setenta, inicia-se o terceiro e atual período dos estudos de religião na Geografia. Ocorrem profundas transformações na Geografia, os estudos de religião na Geografia refletem um lento ressurgimento da Geografia cultural, no bojo da qual se desenvolve a Geografia da religião (ROSENDAHL, 1995).

A geografia da religião seria uma análise e descrição do fenômeno religioso em termos da ciência geográfica (BARRET, 1982). Uma geografia das religiões que remete aos *efeitos e relações* da religião com a sociedade, meio-ambiente e cultura e, sob este ponto de vista, a religião é estritamente uma instituição humana. Sendo assim, o que se evidencia são as suas relações com os vários elementos humanos e físicos (STUMP, 1986 citado por Park, 1994).

Para Otto (1992), reconhecer a religião apenas como sistema simbólico ou como ideologia é desdenhar do seu aspecto mais legítimo e essencial: a sua sacralidade. Para ele, "religião é a experiência do sagrado".

Sopher (1967) apontava a religião como "um sistema de fé e de culto, um grupo de crenças sagradas institucionalizadas, guardando observâncias e práticas".

Mircea Eliade (1995) refere-se ao espaço sagrado como poderoso e significativo e como tal é estruturado e consistente e, em contrapartida, o espaço não sagrado é amorfo e vazio. No que tange ao homem religioso o espaço é pleno de rupturas qualitativas. Mais precisamente, é na experiência do sagrado que o homem descobre a realidade do mundo dos significados e a ambigüidade de todo o resto. A experiência religiosa do espaço se apresenta como primordial e, deste modo, é o marco referencial da própria origem do mundo. Quando o sagrado manifesta-se ele expressa o absoluto em meio à completa relatividade da extensão que o envolve (ELIADE, 1995).

Filho (2001) indica que a dualidade sagrado e profano perfaz o entendimento da realidade e completa:

“Se não conseguimos afirmar o que é o sagrado em sua plenitude nós podemos caracterizar o que não é. Quando a reflexão parte da negação do que seja o sagrado passamos a reconhecer o não-sagrado. Nesta teorização, não reservamos uma autonomia ao profano, pois confirmando a plena significação do sagrado o profano seria apenas transição (do latim *profanuondepro* é o que antecede e *fanuo* lugar consagrado), e o não-sagrado é inteligível porque existe o sagrado. O mundo pode ser regionalizado em três instâncias: sagrado, não-sagrado e o profano como transição.”

Os fenômenos podem ser percebidos pela sua materialidade através dos sentidos, entretanto, quando concebemos uma realidade a esta, conferimos uma existência puramente intelectual (FILHO, 2001).

Do mesmo modo, as realidades do mundo da existência não são intrinsecamente não sagradas. Em muitas culturas religiosas a realidade sensível é inerentemente sagrada, na medida em que faz parte do mundo da natureza (FILHO, 2001).

O Festejo do Divino Espírito Santo, enquanto manifestação do sagrado, é indicada pelo termo hierofania que, etimologicamente, significa algo de sagrado que se revela. O sagrado manifesta-se sempre como uma realidade de ordem inteiramente diferente das realidades do cotidiano. A hierofania revela este ponto fixo denominado centro e que contém o simbolismo de fundação, o Divino Espírito Santo, centro da manifestação religiosa e o entorno possui os elementos necessários que expõem as formas espaciais (ROSENDAHL, 1995).

A dinâmica do espaço sagrado reitera a transcendência própria da experiência religiosa. O espaço sagrado é a imagem da experiência religiosa cotidiana assim como sua

própria referência (FILHO, 2001) e isso pode ser visivelmente percebido no Festejo do Divino Espírito Santo na comunidade Malhadinha.

Geografia e religião são duas práticas sociais e ambas se encontram através da dimensão espacial, uma porque analisa o espaço, a outra porque, como fenômeno cultural, ocorre espacialmente (ROSENDAHL, 1995).

Nas festas religiosas brasileiras, o Divino Espírito Santo é o elemento central do catolicismo popular, enquanto que nas festas católicas, o elemento central é o santo ou a santa (OLIVEIRA, 2008). A concepção popular sobre os santos vai além da noção pregada pela Igreja. Os santos são pessoas, isto é, seres individuais, dotados de liberdade, vontade, qualidades próprias. Habitam o céu, estando junto de Deus, e por isso, tem poderes sobrenaturais. Mas ao mesmo tempo também estão presentes na terra através de suas imagens, que equivalem à própria pessoa do santo. É como se a imagem estivesse viva (OLIVEIRA, 2008).

3 COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO ESTADO DO TOCANTINS

No Estado do Tocantins, há 44 comunidades quilombolas reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares, conforme apresentado no Quadro 1 e Mapa da Figura 2, além de outras duas comunidades em processo de certificação, sendo elas a Taquari em Monte do Carmo e Riachão em Chapada de Natividade (COSTA, 2020).

Quadro 1 - Comunidades Quilombolas Tocantinenses reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares

Comunidade	Município
Baião	Almas
Projeto de Baviera	Aragominas
Pé de Morro	Aragominas
Ilha São Vicente	Araguatins
Lagoa de Pedra	Arraias
Fazenda Lagoa dos Patos	Arraias
Fazenda Káagados	Arraias
Kalunga do Mimoso	Arraias/Paraná
Córrego Fundo	Brejinho de Nazaré
Malhadinha	Brejinho de Nazaré
Curralinho do Pontal	Brejinho de Nazaré
Manoel João	Brejinho de Nazaré
Chapada de Natividade	Chapada de Natividade
São José	Chapada de Natividade
Água Branca	Conceição do Tocantins
Matões	Conceição do Tocantins
Lajeado	Dianópolis
Santa Maria das Mangueiras	Dois Irmãos do Tocantins
Carrapiché	Esperantina
Ciríaco	Esperantina
Prachata	Esperantina
Grotão	Filadélfia
Rio das Almas	Jaú do Tocantins
Barra do Aroeira	Lagoa do Tocantins/Novo Acordo/Santa Tereza do Tocantins
Mumbuca	Mateiros
Ambrósio	Mateiros
Carrapato	Mateiros
Formiga	Mateiros
Margens do Rio Novo	Mateiros
Riachão	Mateiros
Rio Preto	Mateiros
Boa Esperança	Mateiros
Mata Grande	Monte do Carmo

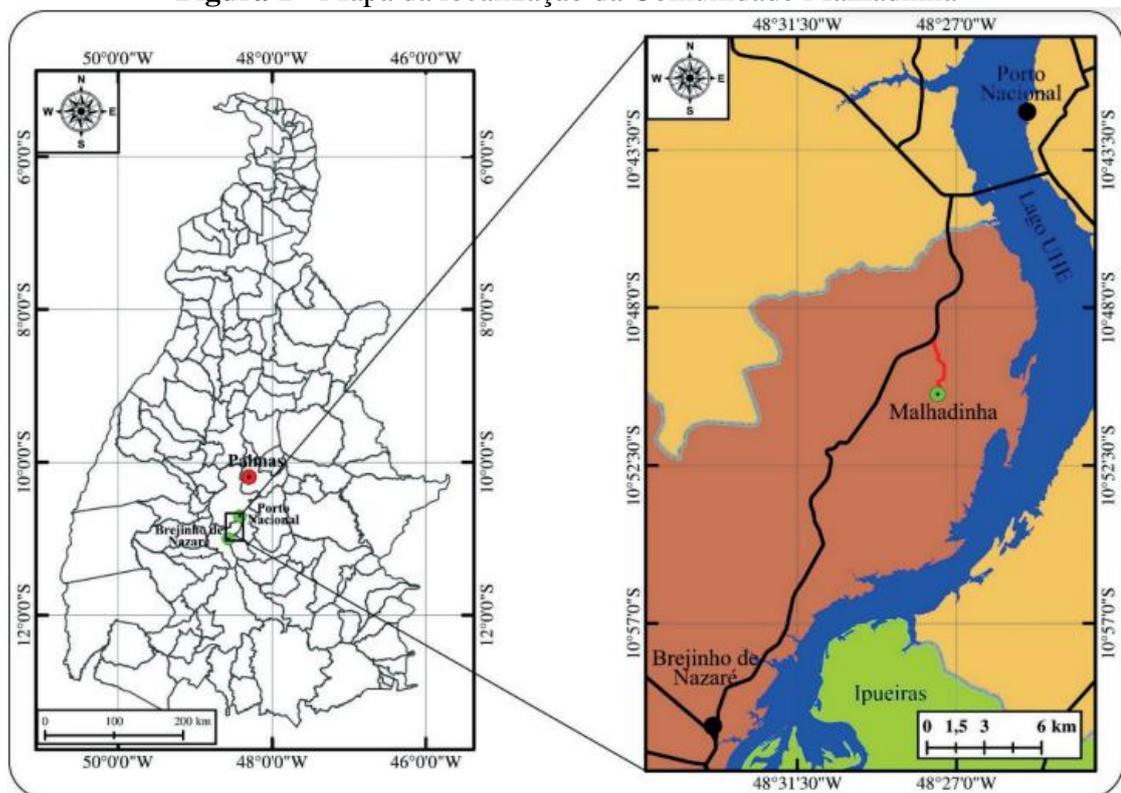
Dona Juscelina	Muricilândia
Redenção	Natividade
Claro	Paraná
Ouro Fino	Paraná
Prata	Paraná
Lagoa Azul	Ponte Alta do Tocantins
São Joaquim	Porto Alegre do Tocantins
Laginha	Porto Alegre do Tocantins
Cocalinho	Santa Fé do Araguaia
Morro de São João	Santa Rosa do Tocantins
Povoado do Prata	São Félix do Tocantins

Fonte: Adaptado de Costa (2020).

4 A COMUNIDADE QUILOMBOLA MALHADINHA

A Comunidade Quilombola Malhadinha recebeu a Certidão de Auto reconhecimento da Fundação Cultural Palmares em 20 de Janeiro de 2006, declarando-a como terra de remanescentes das comunidades quilombolas (SANTOS; CARVALHO, 2015). Ela localiza-se na zona rural do município de Brejinho de Nazaré – TO, possuindo uma área de 275 alqueires, conforme o mapa apresentado na Figura 1.

Figura 1 - Mapa da localização da Comunidade Malhadinha



Fonte: Santos e Carvalho (2015).

Há um total de setenta casas em toda a Comunidade Malhadinha, onde se abrigam cerca de 185 pessoas que, em sua maioria, possuem vínculos parentais, como avós, pais, filhos, tios, sobrinhos, primos, entre outros, que moram próximos aos outros. A base das famílias da comunidade possui os sobrenomes Araújo Dias, Ribeiro de Sousa e Pinto Xavier, havendo diversas famílias formadas a partir do casamento destas bases (COSTA, 2020).

No que se refere à ocupação das famílias, é baseada na lavoura de subsistência, serviços braçais e na produção de alguns alimentos, entre eles a farinha de mandioca, a rapadura, além da produção de polpas de frutas típicas da região como mangaba, murici e buriti, que são vendidas nos municípios vizinhos.

Já no que tange à cultura, a comunidade possui um evento denominado “Quiolimpíadas”, onde há modalidades desportivas e culturais, com a realização de provas voltadas à cultura dos quilombolas, como é o caso da prova do pilão, onde ganha quem limpar melhor o arroz em um determinado tempo, ou prova para organizar o feixe de lenha, prova para andar um percurso com uma “ródia” na cabeça, entre outros. Além disso, a comunidade ainda celebra os festejos do Divino Espírito Santo, de forma tradicional, assim como ocorre em outras localidades no estado do Tocantins, havendo giro das folias (COSTA, 2020).

5 FESTEJO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

Quando se fala no Festejo do Divino Espírito Santo, tem-se em mente que se trata de uma festividade religiosa. E no que se trata de religião, Sousa (2017, p. 91) argumenta:

A religiosidade aproxima as pessoas e lhes dão um sentido de comunidade. O caráter de ascendência espiritual perpassa pela celebração do sagrado e dá à festa um caráter ideológico, capaz de manter coesos interesses e vivências díspares. Os sujeitos tornam-se, assim, uníssonos através de práticas culturais que se transformam em tradições e rompem as ações do cotidiano, como: dançar, cantar e orar efusivamente, fazer promessas, romarias, procissões e festas (SOUSA, 2017, p. 91).

O Festejo do Divino Espírito Santo é considerado uma das maiores expressões de fé herdada dos portugueses, e é repleta de significados e tradições. Conforme Pereira (2005), o festejo é mantido através do catolicismo popular, sendo celebrada em todo o território brasileiro, dedicada a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, onde mediante isso, normalmente ocorre em um período de cinquenta dias após a Páscoa, embora cada localidade possui características diferentes, havendo datas variadas para o festejo.

Em conformidade com Mello Moraes (1999, p. 39-40) retrata as folias do Divino Espírito Santo são históricas, e percorriam diversas localidades, onde:

[...] percorriam por vales e serras, por estradas e povoados, meses antes da festa do Espírito Santo, garridos foliões dispersavam-se em bandos no interior da Província do Rio de Janeiro, angariando esmolas para as festas das capitais dos municípios, que se faziam outrora a rigoroso capricho dos festeiros e segundo os donativos das populações devotas. [...] À notícia de que andavam bandeiras, não havia casa que não se julgasse honrada de receber-lhes a visita, não havia um pobre que, em sua palhoça humilde, deixasse de se prevenir para o favorável agasalho dos foliões, reservando, na falta de esmola pecuniária, uma galinha, uma leitoa, uns pombinhos, um peru, para oferecer ao Divino (MELLO MORAES, 1999, p. 39-40).

Assim, as folias foram precursoras das festas do Divino Espírito Santo pelo interior do Brasil, uma vez que se ambientaram na zona rural, havendo um conjunto de formalidade, recursos completos e primitivos que contribuíam significativamente não apenas para a espontaneidade religiosa, mas também para o cumprimento dos tradicionais deveres mediante à generosidade hospitaleira (MELLO MORAES, 1999).

No Tocantins, as festas do Divino Espírito Santo são tradicionais, ocorrendo de janeiro a julho, conforme a cidade na qual ocorre o festejo. O festejo é reconhecido a nível nacional e há diversas localidades no Tocantins onde ocorrem, com um enfoque principalmente na cidade de Natividade e Monte do Carmo, havendo também nas cidades de Almas,

Araguacema, Araguaçu, Chapada de Natividade, Conceição do Tocantins, Palmas, Paranã, Peixe, Porto Nacional, Santa Rosa e Silvanópolis, além de alguns povoados e comunidades. Em cada local, conforme suas características e costumes agregaram ao festejo (SOUSA, 2017).

O festejo do Divino Espírito Santo é marcado por um sorteio de festeiros, além de sorteio do Imperador e Imperatriz, definição de região a ser percorrida por grupos, com cores de camiseta iguais, por onde passam fazendo a folia e com cantos, levando a bandeira do Divino Espírito Santo. Nas casas por onde o festejo passa, os anfitriões decoram para a passagem da folia ou realização da festa, preparam muitas comidas, havendo inclusive pessoas que fazem promessas para prepararem e servirem comidas nos locais de pousos. Além disso, há a festa do Divino na igreja, com o Imperador e Imperatriz bem como a festa do Imperador Mirim (SOUSA, 2017).

6 O FESTEJO DO DIVINO NA COMUNIDADE MALHADINHA

Conforme informação dos moradores, a tradição do festejo Divino Espírito Santo na comunidade quilombola Malhadinha ocorre há muitos anos, onde os mesmos estimam que ocorre há mais de 104 anos. Neste ano de 2022 o Festejo aconteceu entre os dias primeiro e nove de julho. A Figura 2 mostra a chegada da Folia do Divino que vai anunciar o início do festejo.

Figura 2 - Chegada da Folia do Divino na Comunidade



Fonte: Luciana Lopes Pereira, 2022.

A tradição manda que a partir da marcação do dia da festa, o Alferes passa a ir às casas à procura de pessoas para recepcionar os Foliões para o almoço e pouso. No primeiro dia, os Foliões se reúnem na casa do senhor Berto para sair em seu “giro” à noite, onde, após a reunião é servido o jantar que é anunciado pelo cântico denominado “Bendito”. Após o jantar, entoam o cântico denominado “Licença”, que é a permissão do Divino para que os Foliões possam cantar e brincar em rodas e cantorias. As Figuras 3 e 4 mostram os Foliões entoando o Bendito entorno da mesa de jantar.

Figura 3 - Foliões entoando do Bendito entorno da mesa



Fonte: Luciana Lopes Pereira, 2022.

Figura 4 - A mesa de Jantar pronta para os Foliões



Fonte: Luciana Lopes Pereira, 2022.

Após a Roda tem a Sussa é uma dança típica de Folia e presente em muitos festejos religiosos católicos no estado do Tocantins. Dependendo dos foliões e animadores da festa, esse momento pode durar a noite toda e amanhecer o dia. Em outras situações, os foliões descansam para seguir a rotina da tradição: acordar cedo ao som as caixa, beijar a bandeira como forma de saudação e respeito ao Divino e, em seguida, tomar o café da manhã. A Figura 5 mostra a dança da Sussa entre duas gerações, onde as crianças aprendem a entrar na dança desde cedo.

Figura 5 - Dança da Sussa



Fonte: Luciana Lopes Pereira, 2022.

Giro da Folia é a denominação dada ao percurso que a Folia vai realizar ao levar a Palavra Divina, as bênçãos do Divino às casas e pessoas e, também, na busca de doações para a realização do Festejo. O tempo do giro depende de cada local, comunidade, cidade, mas sempre dentro da tradição local.

Após o cântico do Alferes e do cântico do Imperador vem o cântico de Despedida e a roda que se retira pedindo a permissão para que a Folia inicie o seu giro durante a manhã, até o primeiro pouso da folia para o almoço na casa do seu Francisco Dias.

Ao chegarem ao pouso, os foliões entoam o cântico da Chegada, seguido do cântico para o dono da casa servir o almoço, que é seguido das rodas, antes de continuarem com o

giro. Segundo alguns foliões, em anos anteriores, o giro foi para a cidade, a área urbana, quando os foliões se deslocam de carro. Assim segue, sucessivamente, até o último dia do giro, que é o dia da festa. No nono dia do giro, a folia chega ao local da festa, a casa do Imperador. A Figura 6 mostra os foliões contando o valor das doações para a realização da festa no retorno da folia.

Figura 6 - Retorno da Folia e contando as doações para o Festejo



Fonte: Luciana Lopes Pereira, 2022.

Na chegada da Folia, de acordo com a tradição da festa, acontece a saudação aos foliões com muita música e dança, realizam a contagem das doações e entregam ao Imperador. Logo em seguida é servido o jantar aos foliões onde, às vezes, alguns foliões se manifestam pedindo desculpas por algum atrito ocorrido durante o giro. Após o jantar, entoam o Bendito, instalando o denominado Império ou Reinado do Divino.

Instalado o Império ou Reinado, denominação que varia de acordo com o local, acontece a coroação do Imperador e da Imperatriz, que pode ser observado na Figura 7. O casal imperial sai em cortejo em direção à Igreja, com os súditos e demais participantes, em procissão, e com a bandeira do Divino, ao som de uma marcha tocada pelos foliões com caixas, viola e pandeiros.

Figura 7 - Coroação do casal imperial



Fonte: Simone Araújo Dias, 2022.

Antes de o cortejo chegar à Igreja, passa na casa do Capitão e Capitã do Mastro, quando ambos sobrem no mastro e são carregados pelos participantes, acompanhando o cortejo do casal imperial, até um local próximo à Igreja. A Figura 8 mostra o mastro da festa no contexto do cortejo.

Figura 8 - O mastro do festejo do Divino.



Fonte: Simone Araújo Dias, 2022.

Após ter deixado o mastro, o Capitão do ano anterior passa a coroa para o Capitão atual do Mastro, acontecendo o cântico do Mastro e a sussa. Em seguida, o cortejo imperial, os capitães do mastro e os participantes adentram a Igreja para a realização da Missa.

Após a missa, todos se dirigem à casa do Imperador, que é o local onde acontece a festa e também o local onde acontece o sorteio do Imperador, Capitão do Mastro, Alferes e demais atores da festa para o ano seguinte.

Em seguida a festa acontece, com muita comida, bebida e danças, durante a noite toda e, ao final, os foliões fazem a derrubada do mastro e o novo Capitão pega a bandeira e guarda consigo para, no ano seguinte, realizar a festa novamente.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O festejo do Divino Espírito Santo não é só uma experiência do sagrado, mas também proporciona laços de amizade entre familiares da comunidade Malhadinha e os visitantes, reconstruindo práticas culturais de seus antepassados e vivenciando a fé e o aspecto religioso.

O sentido do festejo engloba o aspecto religioso, a devoção aos santos, a teatralidade, o catolicismo e a cultura dentro das diversas características e o modo de se fazer e se pensar a festa na comunidade quilombola, desde a organização da folia, do seu giro e pousos, até a chegada para a realização da festa.

Na prática popular da religiosidade católica o elemento central é o santo, sendo que a concepção popular sobre os santos vai além da noção pregada pela Igreja. Para os devotos do Divino Espírito Santo, este devolve a devoção em bênçãos, expressando uma relação de reciprocidade e sacrifício.

No cenário da comunidade quilombola Malhadinha este festejo simboliza espiritualmente a vivência do trabalho, da religiosidade, entretenimento e da vida cotidiana que mantém fortes traços de africanidade e este é um aspecto que nos atraiu nessa manifestação religiosa, pois não se perderam no tempo, mas adquiriram novos significados locais. Neste momento, percebemos a relação entre religião e geografia, religião e cultura, religião e território.

REFERÊNCIAS

- BARRET, D.B. **A Comparative Study of Churches and Religions in the Modern World, AD 1900-2000**. World Christian Encyclopedia Nairóbi: Oxford University Press, 1982.
- COSTA, N. M. **Literatura e as relações étnico-raciais na escola: uma experiência de letramento literário em comunidades quilombolas**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-graduação em Letras, Araguaína – TO, 2020. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/2973>. Acesso 12.08.2022.
- ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GIL FILHO, S.F. **Por Uma Geografia do Sagrado**, Departamento de Geografia UFPR, Curitiba, PR, 2000. Disponível em: http://www.nupper.com.br/home2/wp-content/uploads/5-por_uma_geografia_do_sagrado.pdf. Acesso em 15.08.2022
- KONG, L. **Geography and religion: Trends and prospects**. Progress in Human Geography, p. 355., 1990.
- MELLO MORAES, F. **Festas e tradições populares do Brasil**. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1999.
- NETO, J. dos R. **O papel da mulher na conquista do território quilombola na Comunidade “Malhadinha” no município de Brejinho do Nazaré – TO**. Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional – TO, 2020.
- OLIVEIRA, P. S. **Alcuíno e a Educação de Governantes (Final do século VIII e início do século IX)**. (120 fls.). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora:(Dra.: Terezinha Oliveira). Maringá, 2008. Disponível em: file:///C:/Users/Cliente/Downloads/odemirbaeta,+%2522Santa+Lola%2522_+Trajet%C3%B3ria+Social+e+Origem+da+Voca%C3%A7%C3%A3o+Religiosa+da+Imagem+Sagrada+do+Interior+Mineiro.pdf. Acesso em 22.07.2022.
- OTTO, R. **O Sagrado**, Lisboa: Edições 70, 1992.
- PARK, C.C. **Sacred Worlds: An Introduction to Geography and Religion**. New York: Routledge, 1994.
- PEREIRA, C. R. **Devoção e identidade: a festa do Divino Espírito Santo da Colônia Maranhense no Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). IFCS/PPGSA, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2005. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=30736. Acesso em 14.06.2022.
- ROSENDHAL, Z. Geografia da religião. **Boletim Gaúcho de Geografia**. 96-99, dez., Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38184>. Acesso em 26.08.2022.
- SANTOS, R. de S.; CARVALHO, A. G de. **Educação quilombola no polo regional de Porto Nacional – TO: experiências pedagógicas na Comunidade Malhadinha – Brejinho**

de Nazaré – TO. Ensino de Histórias: Histórias, Memórias, Perspectivas e Interfaces, vol. 2, 2015.

SILVA, F. **A festa ao divino espírito santo no relato dos de votos de Araguaína, Tocantins.** 2007. Dissertação, PUC de Goiás. Disponível em: <https://silvotips.com/download/a-festa-ao-divino-espírito-santo-no-relato-dos-devotos-de-araguaina-tocantins>. Acesso em 14.07.2022.

SOPHER, D. Geography of Religions. **Progress in Human Geography.** n° 5 (4). London, 1967, pp. 511-24

SOUSA, P. M. de. **A festa do divino Espírito Santo: memória e religiosidade em Natividade-Tocantins.** Porto Alegre – RS, Editora Fi, 2017.